

RESENHA

Pensando o Espaço do Homem

Cássio Ramon Alves Oliveira¹

cassio.sha@gmail.com

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

REFERÊNCIA:

SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. 5ª Ed. São Paulo: Edusp Editora da Universidade de São Paulo, 2009. 90p.

Segundo Denise Elias,

Em muitos aspectos, Milton Santos foi um homem à frente de seu tempo. Na era na qual muitos proclamavam o 'fim da história', ele introduziu o pensamento geográfico no centro do pensamento social do país, deu visibilidade à geografia brasileira e auto-estima aos geógrafos. Sua própria visibilidade e de sua obra extrapolaram os muros acadêmicos em 1994, quando ganhou o maior prêmio internacional da Geografia, o Vautrin Lud, uma espécie de Nobel da especialidade, atribuído por universidades de vários países. Naquele momento, sua visibilidade atingiu campos antes não imaginados, ultrapassando em muito o da Geografia e o do mundo acadêmico.

(ELIAS, 2002)

Em *Pensando o espaço do homem* (2009), Milton Santos se propõe a pensar os fundamentos epistemológicos das ciências do espaço, trazendo para o centro das análises categorias como: totalidade, tempo e espaço em que o homem/sociedade é o agente/sujeito fundamental da sua dinamização. A obra apresenta ainda discussões sobre os modelos de produção e como estes influenciam na apropriação do espaço coletivo pelo capital.

Refletir e tecer considerações sobre a obra de um autor é sempre uma tarefa muito instigante e muito significativa, essencialmente quando as obras, as quais analisamos e produzimos sobre, estabelecem ligações com as áreas ou categorias do conhecimento das quais temos afinidades e

¹ Pós-graduando em Educação do Campo e Desenvolvimento Territorial do Semiárido Brasileiro/UFRB. Licenciado em Geografia/UNEB (2010). Vice-coordenador do Comitê de Pesquisa em Educação do Campo de Serrinha (2011). Membro do Grupo de Pesquisa SEMINALIS – (Tecnologias Intelectuais, Mídias e Educação Contemporânea/UFS).

entendemos serem as mesmas mediadoras para reafirmações, contextualizações, discordâncias ou ainda construção de novas abordagens. Assim é o que faremos com a obra: *Pensando o Espaço do Homem* do saudoso geógrafo Milton Santos.

Pensar o espaço do homem é uma atividade minuciosa, quiçá complexa, haja vista que podemos construir tal pensamento, a partir de diversas interpretações, de diversos olhares, mas neste caso podemos tomar como referencial a frase inicial da obra que nos diz que o espaço é a acumulação desigual dos tempos – uma tentativa é claro de dizer que a obra possui um fundo espaço - temporal, de que a mesma não dissocia tempo de espaço e espaço de tempo, essencialmente quando existem marcos visíveis que se acumulam no decorrer do tempo no espaço.

Para o autor, o presente, ou seja, o hoje é um espaço. Tal reflexão é resultante de um confronto de opiniões de autores ali retomadas. Para muitos o passado morreu e passou; para outros, é evidente a facilidade de se entender o presente em desfavor do passado, que já não é mais real. O fato é que entre aqueles que acreditam na morte do passado ou na crença de um presente mais real estão os que refletem que o passado é tão vivo quanto presente. O presente não é apenas o presente. A obra ratifica as relações entre tempo e espaço, quando relacionam as formas-objetos geográficos aos sinais das cristalizações existentes do tempo no espaço. Um grande casarão antigo de uma cidade, mantido suas funções e formas ou ainda que refuncionalizado, é um dos aspectos que se aplica bem ao entendimento desta relação que diz que o passado está morto como tempo e não como espaço, claro que a este exemplo acrescenta-se o processo e a estrutura que influenciou a existência e permanência bem como a refuncionalização do referido casarão.

O espaço é um misto de transformações contínuas, sendo estas desenvolvidas através de agentes, que o animam, ou seja, que o dinamizam. Tal compreensão é necessária haja vista que entraremos em outro recorte da obra, qual seja: o período técnico científico, o qual nos possibilita a pensar com outro foco sobre tempo e espaço sendo este, imbricado com o processo de globalização do/no território. Segundo Santos o referido período, é um meio ideal para dar conta das explicações sobre a forma e a intensidade com que o processo de globalização vem redesenhando e estruturando as condições mínimas para um novo contexto mundial, a saber: Ciência, Tecnologia e Informação – tríade “perfeita” que esclarece a mundialização dos lugares através da supremacia do comércio internacional.

Aliado a mundialização dos lugares, coexiste a alienação do espaço do homem, um processo em que segundo Santos rompe com a familiaridade e a aproximação, que por exemplo, o homem primitivo teve em relação ao seu espaço de antes. Em contrapartida se configura cenários de estranhezas, uma vez que os recortes deste espaço já não possibilitam mais o atendimento das

demandas da subsistência do homem, ou seja, do atendimento das suas necessidades, já que a intensificação da produção gera uma alienação regional, que, por conseguinte gera uma alienação do homem, tendo em vista que este se insere num espaço produtivo que foi construído para fazê-lo de mercadoria, quando não como valor de troca nas dinâmicas do mercado de trabalho.

Neste processo de desvalorização do homem em relação ao mercado de trabalho verificamos um paradoxo interessante, que diz o seguinte: o espaço que une e que separa – tal exemplo ratifica a condição de apropriação e exploração do espaço pelo capital, e isso segundo Santos é a prova mais cabal que exemplifica a especialização da divisão de classes e que promove o aprofundamento e fortalecimento das forças produtivas, demandando é claro, para o fortalecimento destas características, um grupo seletivo de homens que ofertem a sua força material e intelectual nem que para isso os tornem estranhos sujeitos ao espaço.

Ainda sobre a discussão do espaço podemos refletir os reflexos que este contém e que vai da aparência à essência. No conjunto de elementos e ou objetos percebidos de forma inicial quando visualizamos algumas partes da totalidade ou a totalidade, temos a aparência, ou seja, configura-se o momento em que não compreendemos de forma aprofundada o porquê da existência e do sentido daquelas muitas cristalizações ou signos presentes no espaço, o fato é que segundo Santos podemos ler o espaço também sobre outra perspectiva – àquela que podemos chamar de essência, onde os elementos, símbolos e objetos tem um sentido de existência, esta, essencialmente ocasionada pela supremacia dominante das forças produtivas. Assim podemos refletir que grande parte daquilo que verificamos no espaço como, por exemplo: rodovias, postos de gasolina, instituições bancárias etc. não são elementos e ou objetos que vêm pensados e estruturados para o atendimento e priorização do homem, e sim para a fluidez do capital.

A essência como aporte de interpretação real do espaço, nos mostra, como visto antes, que existe uma priorização do capital na apropriação de bens coletivos, em contraposição da priorização do homem neste mesmo espaço. Assim pensar o espaço sobre outra perspectiva humanamente e solidariamente falando, pelo que percebemos na obra, é justamente promover ações de valorização do homem, retirando o mesmo da condenação de ser um eterno inimigo do espaço, de estar na condição de mercadoria, de moeda de troca e de sujeito desvalorizado perante o mercado e a sociedade.

O movimento constante de transformação do espaço cria as condições para que tenhamos as referências de por onde dar um significado ao espaço do homem e de seguir traçando os caminhos mais efetivos para a valorização do mesmo. Assim podemos pensar mais uma vez, a partir do que diz a obra, que o tempo passa deixando marcas e que o espaço permanece não imutável, pois

existem transformações na política, na economia, na cultura e ainda no dia a dia das relações sociais, que vão reorganizando o espaço e retrabalhando os processos de adaptação do homem neste e na sociedade.

Salienta-se ainda que o contínuo processo de transformação/produção do espaço e da consequente adaptação do homem ao mesmo compreende, sobretudo a necessidade de interpretação do Espaço levando em consideração três elementos, a saber: Forma, estrutura e função. Juntas essas três categorias, dão conta de forma fidedigna de interpretar o espaço, a partir dos seus múltiplos objetos geográficos cristalizados, ou ainda a partir das diversas organizações que refazem as realidades da sociedade. Santos chama a atenção na obra para que não caiamos no simplismo de achar que podemos fazer as análises isoladas, de pegar, por exemplo, uma categoria das citadas anteriormente e fazer uma análise da totalidade. Alerta ainda para que não façamos interpretações estruturalistas ou funcionalistas, pois, o fundamental está na articulação das categorias entre si, levando em consideração inclusive a estrutura e os processos que influenciam ou influenciaram o estabelecimento das formas, e de suas funções distribuídas pelo espaço.

Aliado ao contexto de análise com aporte das categorias acima citadas é preciso surgir, segundo Santos, uma ação radical que consiga pautar a reformulação da economia, para que a organização global da produção seja modificada influenciando inclusive a organização do espaço. Para isto o mesmo apresenta que se torna necessário mudar os modelos de produção, construindo uma política econômica bem estruturada e que priorize sobretudo o mercado interno para o atendimento das demandas da população, criando uma política de consumo aliada à política de produção.

Na obra aqui apresentada ficou evidente que há uma tentativa de inter-relacionar espaço e tempo e de reconstruir o espaço a partir de outra vertente que não seja apenas a econômica, ou seja, de produzir o espaço reformulando e integrando a política econômica à política espacial, haja vista que o conjugamento das duas possibilitará a minimização das desigualdades sociais e a reorganização do espaço.

Referências

ELIAS, D. "Milton Santos: a construção da geografia cidadã". In: El ciudadano, la globalización y la geografía. Homenaje a Milton Santos. *Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales*, Universidad de Barcelona, vol. VI, núm. 124, 30 de septiembre de 2002. <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-124.htm> [ISSN: 1138-9788]